

Carlos Ceia

SEXUALIDADE E LITERATURA

(Ensaio sobre Eça de Queirós, Cesário Verde,
Almada Negreiros e Alexandre O'Neill)



Edições Colibri

ÍNDICE

A dialéctica do desejo em <i>O Crime do Padre Amaro</i> , de Eça de Queirós	7
<i>A scientia sexualis</i> de Cesário Verde	35
A Luxúria como obra de arte vanguardista em dois poemas de Almada Negreiros: «A Cena do Ódio» e «Mima-Fatáxa- -Sinfonia Cosmopolita e Apologia do Triângulo Feminino»	59
Especulações sobre o prazer da mulher em dois poemas de Alexandre O'Neill: “Desenquadros: mulher consentindo em dar prazer” e “Desenquadros: mulher procurando o seu prazer”	75

A DIALÉCTICA DO DESEJO EM O CRIME DO PADRE AMARO, DE EÇA DE QUEIRÓS*

Por volta de 1872, Eça tentará o escrutínio desse elemento invisível da sociedade portuguesa de *fin-de-siècle*: a mulher. Nesta altura, Eça tinha completado a primeira versão de *O Crime do Padre Amaro*, por isso as indagações que agora faz sobre o carácter feminino têm naturalmente como modelo literário Amélia e as irmãs Gansoso, no *Amaro*, e Luísa e a liberal Leopoldina, no *Basílio*. Um traço comum parece dominar estas configurações femininas: a *accidie* (do francês para o português: “indolência”). Tal como o diletantismo há-de definir, do ponto de vista social e psicológico, as personagens masculinas de Eça, assim a indolência e a inacção retrata na perfeição as femininas. A *accidie* do mundo feminino de Eça interessa-nos no ponto em que denuncia o drama do desprazimento. Também a posição de força que o homem toma no universo queirosiano, nitidamente falocêntrico, sujeitando a mulher ao papel clássico de objecto domesticado, exige um inquérito rigoroso, que hoje, com todos os instrumentos de análise que a psicanálise pós-freudiana (de certa forma, uma posteridade fundada num movimento de retorno à base, portanto, mais pró-freudiana) colocou ao dispor da crítica cultural e literária, se tornou possível fazer.

No seminário “Deus e a *jouissance* de ~~o~~ mulher”,¹ Lacan afirma que ~~o~~ mulher não existe, isto é, enquanto realidade sexual (a maiúscu-

* Publicado originalmente em *Anais do III Encontro Internacional de Queirosianos*, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1997.

¹ Utilizo a tradução inglesa de Jacqueline Rose: *Feminine Sexuality: Jacques Lacan and the École Freudienne*, editado por Juliet Mitchell e Jacqueline Rose, Macmillan, 1982 (reimpresso em 1992), pp. 137-148. O texto original pertence ao Seminário XX de Lacan (1972-3), com o título *Encore*.

cula do artigo, que traduziria essa realidade, está anulada pela possibilidade universal que o artigo definido lhe concederia, pelo que este surge lacanianamente barrado), a mulher tem apenas o valor de uma fantasia. Isto significa que a relação sexual assim entendida é o resultado de um só indivíduo. Contraposta a esta posição fantástica da mulher, Lacan propõe o conceito de *jouissance*, esse momento em que a sexualidade é assumida como um excesso que ultrapassa em significado o universo fálico.

Partindo destes pressupostos, veremos como *O Crime do Padre Amaro* ilustra na perfeição o princípio da *jouissance* da mulher, contribuindo para esclarecer uma rede de relações até hoje apenas explicada por um capricho romântico de Eça ou pelo seu arrojo anticlericalista em resposta à sua formação judaico-cristã. Tudo isso não deixa de ser verdade, porém, se se explicou o tema, ficou sempre por explicar o texto. E este introduz-nos, intertextualmente, na linguagem da luxúria, que é a oração preferida do padre Amaro:

Quando descia para o seu quarto, à noite, ia sempre exaltado. Punha-se então a ler os «Cânticos a Jesus», tradução do francês publicada pela Sociedade das Escravas de Jesus. É uma obrazilinha beata, escrita com um lirismo equívoco, quase torpe – que dá à oração a linguagem da luxúria: Jesus é invocado, reclamado com as sofreguidões balbuciantes de uma concupiscência alucinada: «Oh! Vem, amado do meu coração, corpo adorável, minha alma impaciente quer-te! Amo-te com paixão e desespero! Abrasa-me! Queima-me! Vem! Esmaga-me! Possui-me!» E um amor divino, ora grotesco pela intenção, ora obsceno pela materialidade, geme ruge, declama assim em cem páginas inflamadas onde as palavras *gozo*, *delícia*, *delírio*, *êxtase*, voltam a cada momento, com uma persistência histórica.²

Não admira a preferência de Amaro por estes cânticos, pois eles traduzem, sem levantar suspeita, a linguagem do desejo libidinoso. Amaro conclui: “É beato e excitante” – precisamente, essa é também a conclusão de todo o romance. Este passo do romance contém, aliás, todos os termos do que chamaremos com Lacan de *jouissance*. “Concupiscência”, ou apetite sexual ou desejo intenso de gozo, é o termo de Eça que corresponderá à *jouissance*. As palavras que Eça destaca –

² *O Crime do Padre Amaro*, Obras Completas de Eça de Queiroz, vol.4, Círculo de Leitores, Lisboa, 1980, p. 29. (Doravante, indica-se apenas a página.)

“gozo, delícia, delírio, êxtase” – são significantes da *jouissance* e determinarão toda a dialéctica do desejo n’*O Crime do Padre Amaro*.

Numa cela do seminário, tendo por testemunha suspeita uma imagem da Virgem, Amaro ficava todo nervoso: sobre o seu catre, alta noite, revolvía-se sem dormir, e, no fundo das suas imaginações e dos seus sonhos, ardia, como uma brasa, silenciosa, o desejo da Mulher.

(p. 29)

Este quadro d’*O Crime do Padre Amaro* é o ponto de partida e de chegada de todo o romance de Eça de Queirós, na verdade, um ensaio sobre o desejo do Outro, dando a supremacia ao desejo sexual em prejuízo do desejo ontológico, que com maior propriedade devemos antes denominar *cuidado* ou *apreensão* (*Sorge*, na terminologia heideggeriana). O passo citado contém todos os elementos necessários para compreender a tese do romance: um cenário de iniciação; um sujeito masculino nervoso pelo desejo do Outro; a insónia do desejo sexual e a simbologia do sonho erótico; o desejo da Mulher, que é inseparável, da *jouissance* de Deus e do desejo do Outro.

Um cenário de iniciação – a *jouissance* original e as *jaculações místicas* de Amaro

É fundamental recuarmos ao tempo da formação seminarista de Amaro para compreender o seu comportamento futuro e, verdadeiramente, a explicação psicológica do seu crime. O quadro que se descreve após o passo decisivo de que partimos é o seguinte:

Na sua cela havia uma imagem da Virgem coroada de estrelas, pousada sobre a esfera, com o olhar errante pela luz imortal, calcando aos pés a serpente. Amaro voltava-se para ela como para um refúgio, rezava-lhe a salve-rainha: mas, ficando a contemplar a litografia, esquecia a santidade da Virgem, via apenas diante de si uma linda moça loura; amava-a; suspirava, despindo-se, olhava-a de revés lubricamente; e mesmo a sua curiosidade ousava erguer as pregas castas da túnica azul da imagem e supor formas, redondezas, uma carne branca... Julgava então ver os olhos do Tentador luzir na escuridão do quarto; aspergia a cama de água benta; mas não se atrevia a revelar estes delírios, no confessionário, ao domingo.

(p. 29)

A iniciação sexual de Amaro é feita de forma alienatória, produzindo, através de uma fuga ultrajante à realidade, a dessacralização da Virgem. A primeira mulher que Amaro torna objecto da sua libido é a primeira Mulher: a Virgem. Nenhum ser humano pode aspirar a experiência sexual mais sublimada e mais impossível. Hegel terá dito que os sonhos são desprovidos de qualquer coerência razoável e objectiva. Freud, recordando-o n' *A Interpretação dos Sonhos*, conclui que os sonhos são uma massa desconexa por definição, aceitando as mais violentas contradições. Por isso não estranhemos que só alguém a quem o sentimento libidinoso está proibido por lei, só alguém assexuado por dever espiritual, podia trazer para a experiência social o desejo mais impenetrável: o que chamarei a *jouissance original* da mulher. Amaro diz isso mesmo no momento em que se conforta a si mesmo por ter sido triunfalmente escolhido pela “rapariga mais bonita da cidade”: “E escolhera-o a ele, a ele padre, o eterno excluído dos sonhos femininos, o ser melancólico e neutro que ronda como um ser suspeito à beira do sentimento!” (p. 130).

A palavra arcaica anglo-francesa *jouissance*, retomada e ampliada por Jacques Lacan no seminário sobre “Deus e a *jouissance* de ~~A~~ mulher”, sugere traduções interpretativas tão subtis como “orgasmo”, “gozo”, “fruição”, “prazer”, “satisfação”, “posse”, “apetite” ou “desejo”. Em português, o termo tem sido traduzido por “gozo”, no entanto, tal tradução carece de uma mais precisa definição: “Gozo” (do espanhol *goce*, que, por sua vez deriva do latim *gaudium* para “júbilo, fruição”), ao equivaler-se a *jouissance* terá de traduzir gosto, prazer; posse ou uso de alguma coisa de que advêm satisfação, vantagens, interesses; deleite sexual, prazer, orgasmo. O sentido para onde também nos arrasta o termo, significando zombaria, desdém ou menosprezo por alguém, é antípoda do sentido lacaniano de *jouissance*, que não encontra realização fora do contexto sexual. Distingue-se de “prazer”, porque este, segundo Freud, embora motor de toda a actividade psíquica, é apenas um breve momento entre o desejo e a satisfação do desejo, assinalando desta forma um equilíbrio homeostático de um organismo submetido a uma tensão, que ele procura manter a um nível o mais baixo possível. A *jouissance* transgride este limiar de homeostase e “coloca-se” para além do princípio de prazer. Em francês, o termo tem ainda uma forte conotação sexual (que se perdeu em inglês, por exemplo, onde hoje é normalmente traduzido por “enjoyment”), significando literalmente “orgasmo”, porém há uma diferença entre ambos que se pode avaliar pela realidade quântica do